

IDENTIFICAÇÃO DE NOVAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA PERCEPÇÃO DOS DOCENTES DE UM CURSO DE ENFERMAGEM*

Wilza Rocha Pereira¹
Samia Hassan Chaouchar²

RESUMO

As práticas pedagógicas precisam ocupar um novo lugar no ensino superior, que ainda está muito voltado à valorização e produção de conhecimentos aplicados a cada área. Fizemos então este estudo com o objetivo de identificar novas práticas pedagógicas na percepção dos docentes de enfermagem de um curso de enfermagem da Região Centro-Oeste. Trata-se de uma pesquisa exploratório-descritiva em que se utilizaram entrevistas abertas e grupos focais com os docentes do curso estudado. Como resultado, observamos que já ocorrem algumas mudanças e inovações no contexto da formação na faculdade e tivemos depoimentos de vários docentes que afirmam vir repensando e renovando as suas estratégias pedagógicas. Há a substituição da prática pedagógica tradicional por práticas mais dinâmicas, ensino mais horizontal e estímulo maior ao trabalho no campo de práticas básicas de saúde. Isso tem levado o aluno a ser mais responsável pelo seu aprendizado, relacionando suas vivências práticas com as teorias que as explicam, e assim conseguem aperfeiçoar seus conhecimentos. Essas experiências inovadoras não são gerais, mas indicam mudanças na formação profissional do enfermeiro na perspectiva de contribuir para uma melhor compreensão dos princípios do Sistema Único de Saúde (SUS) nos seus variados níveis de atenção.

Palavras-chave: Educação em Enfermagem. Ensino. Docentes.

INTRODUÇÃO

Este estudo, que faz parte de uma pesquisa maior, já concluída e feita por meio do Programa de Iniciação Científica, a qual teve como objetivos identificar, viabilizar e sistematizar as mudanças e analisar as dinâmicas que apontam a necessidade de formar enfermeiros com vista a uma atuação cidadã no sistema público de saúde, objetivou identificar e caracterizar as práticas pedagógicas desenvolvidas na formação no ensino de graduação a partir da percepção dos docentes de enfermagem de uma universidade pública federal da Região Centro-Oeste do Brasil.

Ao discutir novas práticas pedagógicas na visão dos docentes da faculdade de enfermagem, compreendemos um pouco mais sobre o ensino de enfermagem na instituição universitária estudada e as inovações que nela vêm sendo propostas. Entendemos que inovar é o mesmo que transformar a própria prática, o que não pode acontecer sem uma análise do que é feito e

das razões para manter ou mudar⁽¹⁾. Esta pesquisa mostra que há muito a ser incentivado nas atuais práticas, mas também há muito a ser mudado, pois as práticas mais inovadoras dependem muito dos sujeitos que as realizam.

Ao revermos a história da enfermagem, foi relatado que, no Brasil, a Enfermagem vem percorrendo ao longo dos anos uma trajetória pontilhada de dificuldades, refletindo em cada momento o contexto histórico específico da sociedade brasileira⁽²⁾. No local estudado isto não foi diferente, e as mesmas dinâmicas contraditórias que se veem na sociedade como um todo se evidenciam também no curso e nas práticas pedagógicas de seus docentes. Isto significa que, mesmo estando em um contexto educativo onde se desejam contextos inovadores para uma formação inovadora, temos práticas pedagógicas diversas, que vão desde as mais tradicionais a outras bastante singulares e diferenciadas.

Entre as entidades de classe que se envolvem com as questões da formação na nossa área

*Este subprojeto faz parte da pesquisa "Análise das dinâmicas subjacentes aos processos de mudança que apontam novas práticas pedagógicas na formação de enfermeiros", desenvolvido em duas instituições públicas de ensino de graduação em enfermagem, com financiamento do CNPq sob n.º. 409575-2006-2-Edital MCT/CNPq/MS-SCTIE-DECIT 23/2006.

¹Enfermeira. Doutora em Enfermagem. Professora Associada e Pesquisadora do Grupo de Pesquisa, Gestão, Educação e Formação em Enfermagem e Saúde - GEFOR da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Mato Grosso (FAENF/UFMT). E-mail: wilzarp@terra.com.br

²Acadêmica de Enfermagem da FAENF/UFMT. Membro do GEFOR. Bolsista PIBIC/CNPq de 2007 a 2009. E-mail: samia-chaouchar@hotmail.com

temos a Associação Brasileira de Enfermagem (ABEn), que desde a sua criação luta pelo desenvolvimento do ensino de enfermagem no país. A ABEn, sempre objetivando a construção coletiva de um projeto educacional que garantisse a saúde da população⁽³⁾, passou a mobilizar em todo o país docentes, discentes e profissionais dos serviços de saúde para discutir os currículos dos cursos de enfermagem⁽³⁾. Este esforço coletivo da classe resultou em várias leis e decretos, dos quais o último são as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs/2001) para o Ensino de Enfermagem no país, cujo objetivo é

Levar os alunos dos cursos de graduação em saúde a aprender a aprender que engloba aprender a ser, aprender a fazer, aprender a viver juntos e aprender a conhecer, garantindo a capacitação de profissionais com autonomia e discernimento para assegurar a integralidade da atenção e a qualidade e humanização do atendimento prestado aos indivíduos, famílias e comunidades, formando assim um profissional qualificado de enfermagem com perfil em competências e habilidades voltadas a: atenção à saúde integral, tomada de decisões, comunicação, liderança, administração, gerenciamento e educação permanente, entre outros, enfim todos os aspectos necessários para que ocorra o sucesso no exercício da profissão^(4,4).

Podemos dizer que, na atualidade, quanto ao ensino da enfermagem no Brasil, vem diminuindo cada vez mais o distanciamento que outrora se observava entre a teoria e a prática no processo de formação⁽⁵⁾.

As DCNs reafirmam que o ensino de enfermagem deve centrar-se no aluno e que este deve ser o sujeito da sua própria aprendizagem. Ao professor cabe a tarefa de ser o facilitador e o mediador do processo de ensino-aprendizagem, é ele que tem o dever de buscar a articulação entre o ensino, a pesquisa e a extensão ao pensar e planejar as práticas pedagógicas que vão tomar corpo no cotidiano de ensino de enfermagem.

O ensino de enfermagem deve ser planejado no sentido de contribuir para o crescimento e a renovação dos conhecimentos da ciência da enfermagem, e de que os discentes, futuros enfermeiros, possam, através do processo educativo, além de aprender a cuidar com competência técnica e ética, ir além e ter espaços dentro das escolas para criticar a eficiência dos métodos e técnicas utilizados pelos docentes ao desenvolverem suas práticas pedagógicas. O

processo educativo deve ser democrático para ser autotransformador a partir dos sujeitos que os vivenciam no cotidiano, os alunos e professores.

O Curso de Graduação de Enfermagem estudado em relação às Diretrizes Curriculares para a Enfermagem de 2001

O curso de Graduação de Enfermagem estudado foi criado em 1976 e seu currículo pleno atual obedece à Portaria n.º 1721/MEC, de 15/12/1995⁽⁶⁾, conforme estabelecem as DCNs, e tem por finalidade

Formar profissionais politicamente engajados, criativos, dinâmicos e éticos, preparados para: atenção individual e coletiva em saúde; educação em saúde; gerenciamento de unidades de saúde e de enfermagem; produção de conhecimentos em saúde e enfermagem^(6,6).

A criação desse Curso de Graduação em Enfermagem e Obstetrícia foi um marco importante na história da profissão no Estado, uma vez que veio preencher uma lacuna, pois à época não existia nenhuma escola de formação de enfermeiros⁽⁷⁾ na localidade estudada.

Hoje, a formação do enfermeiro tem outra perspectiva, isto se deve ao fato de ocorrerem mudanças nas DCNs do Curso de Graduação, que incorporou as idéias subjacentes às DCNs, quando definem os objetivos da formação no nível da graduação em enfermagem.

São várias as propostas de modificações curriculares e de investimentos no preparo dos docentes nos diferentes níveis de pós-graduação, para que seja mais coerente a relação entre a teoria e a prática na formação em enfermagem em nosso país⁽⁵⁾.

Pretende-se que o ensino de enfermagem seja centrado no aluno e que este seja o sujeito da sua própria aprendizagem, apoiado pelo professor como facilitador e mediador do processo de ensino-aprendizagem, mas sem esquecer que é do docente o dever de buscar a articulação entre o ensino, a pesquisa e a extensão ao pensar e planejar as práticas pedagógicas que vão tomar corpo no cotidiano de ensino de enfermagem.

MATERIAIS E MÉTODOS

Neste estudo, do tipo exploratório-descritivo, pudemos questionar a realidade do ensino. Os estudos descritivos se baseiam na coleta de

descrições mais específicas e detalhadas de variáveis do fenômeno retratado⁽⁸⁾. O projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Hospital Universitário Júlio Muller (CEP/HUJM) sob o número 315, em 12/01/2007, e atendeu a todas as determinações da Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Pesquisa (CONEP).

O estudo foi desenvolvido em um curso de graduação em enfermagem, no período de julho de 2008 a julho de 2009. As técnicas escolhidas para a coleta de dados foram entrevistas abertas e os grupos focais com os docentes do curso estudado. As entrevistas são uma conversa com finalidade determinada, em que um roteiro serve de orientação e de baliza para o pesquisador, e não de cerceamento da fala dos entrevistados⁽⁹⁾.

A estratégia adotada foi convidar todos os docentes da faculdade para participar da pesquisa usando-se como meio o correio eletrônico, com a marcação de locais que fossem mais convenientes aos que aceitaram o convite para a entrevista. O critério de inclusão era ser professor do quadro regular. Quatro docentes se dispuseram a participar desta primeira fase, os quais se inseriram, juntamente com outros catorze docentes, na segunda fase, a de formação dos grupos focais. Na apresentação dos resultados, para preservar o sigilo e anonimato dos docentes entrevistados estes foram identificados como P1, P2, P3, P4, ou seja, participante 1, participante 2, participante 3 e participante 4.

Em seguida realizamos os quatro grupos focais, cada um com uma média de quatro docentes. Os grupos focais, que se constituem num tipo de entrevista ou conversa em grupos pequenos e homogêneos, contribuíram para [...] complementar os depoimentos colhidos nas entrevistas individuais, para ampliar “o campo visual do pesquisador frente ao objeto de estudo pesquisado”^(10:269,70).

Os grupos focais com os docentes de enfermagem foram identificados como GFDO1, GFDO2, GFDO3, GFDO4, em que GF significa grupo focal, DO indica Docente 1, 2, 3 e 4 são os números dos GFs. Todos eles foram realizados no mês de setembro de 2008, utilizando-se como estratégia um roteiro semiestruturado para conduzir as discussões.

Para analisar os dados escolhemos a

modalidade de análise temática. Todos os sujeitos que participaram das entrevistas também estiveram nos grupos focais, resultando em um total de 18 docentes participantes da pesquisa. Todos assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta pesquisa interessou-nos investigar as práticas pedagógicas desenvolvidas por docentes de um curso de enfermagem. Sabemos que novas propostas pedagógicas convivem com as mais tradicionais e faz-se necessário então compreender o modelo tradicional de ensino-aprendizagem que subjaz à fala da docente P1:

[...] Como a gente está falando em práticas pedagógicas, é a forma como você conduz essa... Esse aprendizado, esses conteúdos, esses saberes. A forma como a gente vem conduzindo é no sentido de tirar um pouco aquela formatação de aula teórica, aquela formatação de, olha, eu falo, eu tenho o mando, eu sou autoridade dentro de sala de aula [...] (P1).

Na reflexão sobre o processo de ensino-aprendizagem é preciso considerar a realidade e fundamentar-se nela como geradora dos processos de mudança e iluminadora dos caminhos a serem alterados e percorridos⁽¹¹⁾. Essa compreensão da realidade implica, para os estudantes, aprender de acordo com os problemas reais de saúde existentes no contexto da sociedade em que irão atuar como estagiários e depois como profissionais. Desses primeiros contatos surgem já os questionamentos do que deve ser mudado. A docente P1 evidencia seu desejo de “tirar um pouco aquela formatação” de que o professor “manda” ou de que deve ser o centro do processo, e reafirma que ele deve tomar para si mais o papel de conduzir e menos o de “mandar”. Entendemos que as DCNs também nos apontam algo dessa natureza e que isso vem se refletindo nas práticas pedagógicas cotidianas, como fala a entrevistada P2:

[...] Bom, para poder fazer mudança e inovar a gente tem que colocar o aluno mais em contato com a realidade que ele vai encontrar depois como profissional, [...] então assim, uma das coisas, o nosso currículo era muito voltado pra formação a nível hospitalar, e hoje a gente está voltando mais pra atenção básica, até mesmo para

atender às diretrizes do ensino para a enfermagem [...] (P2).

Quando falamos em mudança nas práticas pedagógicas devemos lembrar que existem elementos intrínsecos para serem pensados e inseridos na estrutura curricular, embora o projeto político-pedagógico (PPP) vigente ainda seja fechado ou um tanto refratário ao novo, como é o caso da nossa atual estrutura. Para mudar um PPP precisa-se de discussões em um tempo mais dilatado, mas ainda assim os docentes do curso demonstram a sua preocupação em acompanhar as orientações das novas DCNs para a enfermagem e deram uma guinada para a atenção básica.

É importante salientar que as mudanças já estão ocorrendo, conquanto o PPP seja formatado no modelo disciplinar, pois vários docentes revelam seguir as orientações do colegiado de curso e terem aumentado as práticas de suas disciplinas na atenção básica, havendo hoje um maior equilíbrio entre as práticas nos diferentes níveis de atenção no Sistema Único de Saúde (SUS). Essas orientações do colegiado a todas as disciplinas do curso aconteceram durante as discussões do novo PPP, que está em fase de finalização e ainda não foi implementado. Mesmo assim, como as DCNs foram bastante discutidas entre os segmentos dos docentes e discentes, estes já conseguem incorporar novas práticas e a atenção básica agora responde pela metade de todas as práticas desenvolvidas no curso.

Formar pessoas na nossa área implica ter por referência as reais necessidades da população e a complexidade que exige a atenção à sua saúde⁽¹²⁾, além de adotar valores que busquem respostas aos desafios que se nos apresentam. Como reitera a docente P3, é preciso

[...] Mudar não só os conteúdos trabalhados na disciplina, mas às vezes a estrutura curricular que está sendo implementada... ou às vezes inovar poder aproveitar essa estrutura [...]. Mas propor algo novo... Tentar melhorar o que já está posto, que nem sempre é tão fácil mudar a estrutura, né? Às vezes, a gente não consegue mudar até de imediato, a médio, longo prazo, uma reformulação do projeto político pedagógico você consegue até realmente mudar uma estrutura, mas o que vale a pena é buscar essas inovações na formação do enfermeiro, então a gente tem tentado de uma forma e de outra é [...] Atentar pra isso, até porque

hoje nós trabalhamos nessa perspectiva realmente do SUS. O que é essa perspectiva do SUS? Uma perspectiva de olhar esse, esse indivíduo não só... no âmbito do nível terciário como [...] nós trabalhávamos [...] (P3).

Atualmente no processo de aprender e ensinar da faculdade de enfermagem estudada, segundo os relatos dos professores nos grupos focais há uma controvérsia instalada, na qual vemos de um lado alguns grupos de docentes se esforçando para “melhorar o que já está posto e do outro aqueles segundo cujo entendimento não se pode mudar o que está vigente, sob o risco de ferir os princípios do atual PPP.

Em meio a essas discussões já vêm ocorrendo várias mudanças nas práticas pedagógicas que favorecem o aprendizado dos alunos e os incentiva na busca por estratégias que os ajude a serem sujeitos mais ativos do seu aprendizado. Isso acontece quando o professor cria situações nas quais o aluno sente-se capaz de estabelecer seus próprios objetivos, direciona seu aprendizado e aumenta sua autoconfiança no tocante aos processos de tomada de decisão acerca do seu futuro profissional. Nesse processo o aluno se percebe como um ser ativo e consciente do seu papel no mundo da saúde⁽¹³⁾ e o docente exerce sua criatividade e pode refletir sobre suas práticas cotidianas na atividade pedagógica. Vemos na fala da docente P3 uma dessas estratégias:

Vou dar um exemplo disso: a gente tem um conteúdo que chama exame mental. E as vezes ele é muito maçante. Avaliar a senso percepção do paciente, da pessoa, do usuário. Como vai constar, quais são as alterações possíveis? Então é um conteúdo extremamente maçante. Aí a gente criou uma estratégia de dramatização. Então dávamos para cada grupo de alunos uma determinada situação, eles iriam assistir a um filme... que falasse, por exemplo, sobre depressão, fase maníaca... E ele iria estudar sobre isso e traz pra sala de aula a dramatização de uma situação em que a pessoa estivesse com aquela, com aquele... transtorno ali... com aquele comportamento alterado. E isso ficou muito legal quando o grupo dramatiza. Então é isso que eu falo de laboratório sabe? Às vezes usar, fazer uso da sala de aula como um laboratório de inovações. Essas são as inovações, mas nela mesma já vemos novas interrogações... E mudamos de novo, fica um pouco do que fizemos e acrescentamos coisas novas.. a gente não para nunca (P1).

Os docentes da faculdade de enfermagem utilizam várias estratégias de inovação nos métodos de ensino, mas parece que eles mesmos não as veem como inovação, e sim, como tentativas de melhorar o processo pedagógico. Outra prática que identificamos foi a da realização, em algumas disciplinas, de reuniões de professores com os alunos ao longo e ao final de cada semestre, nas quais se avalia tanto a disciplina como as estratégias que deram certo ou aquelas que devem ser modificadas. Os alunos nestas ocasiões sugerem alternativas inovadoras que são incorporadas mesmo à revelia da atual estrutura curricular, que é um tanto fechada. Como diz a docente P3 “[...] O avanço que a gente conseguiu são essas reuniões, de grupo de trabalho, com a participação do aluno, do representante de sala [...]” (P3). Ainda neste sentido relembra a docente P1, dizendo que pode ser

[...] Algo inovador na medida em que a gente faz uma avaliação do que foi ministrado, do que foi trabalhado num semestre pro outro semestre. [...]. Então o que eu faço hoje é fruto de uma avaliação do que eu venho fazendo com os alunos durante os semestres ou logo ao término de cada semestre durante a ministração de algumas disciplinas do semestre [...] (P1).

Em grande parte os docentes de enfermagem da faculdade estudada demonstram, por meio dos relatos de entrevista, seu compromisso com a formação em enfermagem, e, embora rejeitem o método de ensino fragmentado e tradicionalista, ainda assim têm dúvidas quanto a conseguir mudá-lo. A docente P1 diz:

[...] Fazemos mudanças todos os semestres, é tanta mudança que tem hora já nos vemos repetindo coisas que fizemos em semestres anteriores, com mais um acerto aqui e ali. Aí fica a dúvida: estamos fazendo algo novo ou repetindo experiências que pouco avaliamos? Se nem avaliamos, como saber se vão funcionar ou não? Bem... a gente avalia, sim, mas de uma maneira meio subjetiva, sem um instrumento de avaliação. Vamos pelo que os alunos falam, que foi bom ou não... Isso dá uma certa insegurança, parece que a gente trabalha mais no empírico, no escuro...”(P1).

Mesmo consultando os alunos sobre as experiências realizadas, todos que participaram da pesquisa parecem ter dúvidas em relação às estratégias que adotam no seu cotidiano como

docentes; mas relembram, de uma forma ou de outra, que o aluno deve ser o centro do processo de ensino-aprendizado, o qual deve estar voltado para atender às necessidades da clientela do SUS e se pautar nos princípios das DCNs de 2001 para a formação em Enfermagem. Por outro lado, revelam que ainda sofrem com a permanência do modelo curricular disciplinar em que estão trabalhando, pois, embora tentem mudá-lo, ainda precisam efetivar muitos conteúdos e isso se dá em detrimento de formas de ensino mais inovadoras, pois nem todos conseguem saber claramente o que fazer. Nos grupos focais surgiram falas como a que segue:

[...] O que é a prática pedagógica que a gente tanto fala? Porque muitas vezes a gente entra lá com uma preocupação muito grande de conteúdo! De passar conteúdo, passa, passa conteúdo... Mas o quê que os meninos vão fazer com isso! Vai encher de ideia pra botar debaixo do tapete?[...] (GFDO1).

A preocupação com os conteúdos continua a ser uma sombra na ideia de inovação, pois eles estão sempre ali, questionando o que devem ser as práticas docentes se estas se descolarem dos conteúdos. É preciso sentir para aprender, pois, se não for assim, “*o que os meninos vão fazer*” com esses muitos conteúdos? Isso nos remete à ideia de que os docentes parecem estar aprendendo a valorizar os aspectos afetivos no processo de o aluno aprender, o que pode encorajá-los a criar um ambiente acadêmico adequado, afetivo, que favoreça a proximidade e o vínculo entre os discentes e desses com os docentes. Esse processo de pensar as estratégias pedagógicas deve fazer parte do planejamento do ensino, tendo igual ou maior grau que os conteúdos⁽¹⁴⁾.

Nos grupos focais com os docentes evidenciamos vários relatos da substituição da prática pedagógica tradicional por práticas mais dinâmicas, ensino mais horizontal e estímulo ao trabalho nos campos de práticas de saúde. Isso tem permitido que o aluno seja mais responsável pelo seu aprendizado, relacionando suas vivências práticas com as teorias que as explicam e aperfeiçoam. Não obstante, esse é um movimento que precisa ser objeto de planejamento prévio ainda no momento de se pensar o ensino, pois,

Uma postura e uma prática reflexiva que sejam a

base de uma análise metódica, regular, instrumentalizada, serena e causadora de efeitos; essa disposição e essa competência, muitas vezes, só podem ser adquiridas por meio de um treinamento intensivo e deliberado^(15:47).

Quando pensamos nas questões que envolvem o planejamento e a avaliação dos processos pedagógicos, ou seja, do “como ensinar”, percebemos ser esse um aspecto que precisa de uma maior problematização, de um referencial teórico-pedagógico dos processos educativos que seja dominado por todos que estejam como docentes ou pretendam vir a sê-lo um dia. Somos enfermeiros, profissionais do cuidado humano, e nos tornamos professores. Somos professores e nos tornamos gestores, mas na verdade nosso conhecimento mais estruturado é o da graduação que fizemos, e nela o que aprendemos é cuidar do ser humano. Pouco ou nada é aprendido sobre como ser professor e como pensar o processo de aprender, para melhor ensinar ou como ser gestor do processo de ensino e nele intervir de maneira competente. Precisamos reinventar a docência, incorporando novos conhecimentos que não fizeram parte de nosso processo de formação como enfermeiros.

Concordamos que os professores são “autodidatas, condenados, em parte, a aprender seu ofício na prática cotidiana”^(15:50). Nossa aprendizagem, quando somos docentes, precisa ser ativamente organizada, ou seja, intencionalmente organizada, uma vez que nem toda a experiência que podemos ter como enfermeiros-cuidadores gera automaticamente aprendizagens pedagógicas.

No campo pedagógico temos as chamadas “rotinas eficazes”, que dispensam questionamentos e são reproduzidas sem qualquer esforço reflexivo, mas acabam sendo utilizadas no nosso cotidiano docente^(15:50). Estas rotinas não podem ser vistas como aprendizagem, pois nesse caso a experiência que temos só é fonte de informação no sentido restrito daquilo que está funcionando bem. Se cuidamos bem como enfermeiros que somos, não há qualquer garantia de que vamos ensinar a cuidar bem, pois partimos de lógicas diferentes quando pensamos no processo de cuidar e no de ensinar. Ambos envolvem tecnologias bem diversas e se pautam em princípios singulares e distintos.

Se o professor realiza seu trabalho docente

pensando “sei cuidar bem, logo saberei ensinar bem” começa a funcionar de maneira a reproduzir ações que aparentemente dão certo quando ele cuida, mas podem não funcionar no processo de ensinar, pois este exige mais reflexão e outros conhecimentos acerca do sujeito que aprende, o qual é bem diferente do sujeito que precisa de cuidados de enfermagem. Pensar no sujeito que aprende faz toda a diferença para pensar na formação do sujeito que ensina. O professor precisa questionar-se continuamente sobre a necessidade de ter preparo pedagógico⁽¹⁵⁾.

Uma docente relembra que precisa de novos conhecimentos pedagógicos:

Meus saberes são de enfermeira [...] sei que nunca estudei sobre como ensinar, caí no mundo do ensino de paraquedas e já fui até coordenadora de ensino sem nem saber ensinar direito [...] acho que fazemos tudo na raça com muito esforço mas sem muito fundamento teórico-pedagógico (GFDO3).

Há algo nessa prática “sem muito fundamento teórico-pedagógico” que podemos chamar de práxis reiterativa, aquela que se faz em função de uma lei previamente traçada e na qual não há a intervenção do sujeito, o qual apenas faz e segue as normas, a burocracia que define o seu fazer. Ele faz por prescrição, como que seguindo um manual. A práxis reiterativa imitativa é o avesso da práxis criadora. Esta exige reflexão e a necessária integração entre o sujeito e o objeto da prática, em uma união que sempre resulta em um produto singular, que não se repete por ser ação de um sujeito reflexivo, que incorpora a cada ato novas éticas, mesmo que a ação seja semelhante a outra sobre a qual tem domínio e habilidades⁽¹⁶⁾.

A ideia de ser enfermeiro e tornar-se professor parece remeter à práxis reiterativa⁽¹⁶⁾, pois parte da premissa de que os saberes e conhecimentos que fazem uma enfermeira podem fazê-la também uma docente. Para ensinar enfermagem é necessário ser enfermeiro, mas não é, de modo algum, suficiente, pois há sempre o risco de estarmos desenvolvendo uma práxis reiterativa, sem a imersão pedagógica que se faz imprescindível ao exercício crítico e criativo da docência.

Embora ainda trabalhemos em um formato de currículo disciplinar na realidade estudada,

podemos ver que os anos de prática pedagógica e o processo de formação nos níveis *lato* e *stricto sensu* de grande parte de seus docentes fez uma boa diferença para a emergência de novas práticas pedagógicas, mais críticas e semelhantes à práxis criadora. Relembramos que

[...] mesmo um currículo disciplinar (hoje tido como tradicional) pode propiciar formas de articular o conhecimento em todas as etapas da formação. No que tange às dificuldades enfrentadas pelos cursos de enfermagem, podemos sistematizá-las em, pelo menos, duas categorias: aquelas relacionadas às estruturas universitárias e aquelas relacionadas às pessoas envolvidas nos processos de mudança^(17:227).

Enfim, são as pessoas que dão sentido ao processo de ensinar e de aprender, e também são elas que fazem a mobilização de seus conhecimentos para produzir a verdadeira práxis, que é essencialmente criadora e exige uma elevada atividade da consciência. Nesse ato criativo a problematidade ou improbabilidade do processo e a incerteza quanto ao resultado obrigam-nos a intervir constantemente, como docentes que somos. A constante criação e recriação do nosso fazer como docentes enfermeiros que somos é a alma da prática pedagógica que estamos perseguindo⁽¹⁶⁾.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo pudemos observar que já ocorrem algumas mudanças e inovações no contexto da formação na faculdade e que um dos pontos mais significativos em relação à mudança é deslocar para o aluno o foco do processo de aprender e ensinar, antes centrado na figura do

professor. Os processos atuais incentivam o aluno na busca ativa da autonomia e este passou de ouvinte que reproduz para alguém que critica e constrói o conhecimento.

Com este estudo identificamos que atualmente o ensino de enfermagem, na realidade da pesquisa, vem sofrendo transformações nas suas práticas pedagógicas. Elas estão indo ao encontro das reais necessidades da população e também estão atendendo à ampliação do campo de ação dos futuros profissionais requerida pelo SUS e pelas DCNs do Curso de Enfermagem de 2001.

Os docentes de enfermagem, por meio de relatos de entrevista e nos grupos focais, demonstraram, de formas diferentes, um compromisso ético com a formação do acadêmico de enfermagem, e vêm, cada um a seu modo, esforçando-se para superar o método de ensino tradicionalista, curativo e hospitalocêntrico. Todos procuram qualificar o ensino embasando-se nos princípios do SUS, e nas discussões dos grupos focais evidenciamos relatos da substituição da prática pedagógica tradicional por práticas mais dinâmicas, ensino mais horizontal e estímulo ao trabalho no campo das práticas de saúde. Isso tem permitido que o aluno seja mais responsável pelo seu aprendizado, relacionando suas vivências práticas com as teorias que as explicam e aperfeiçoam.

A pesquisa nos ofereceu subsídios para entender como podemos contribuir para que novas perspectivas pedagógicas surjam no ensino de enfermagem na realidade estudada, de maneira a valorizar e a consolidar o SUS, o maior prestador de serviços em saúde à população brasileira.

IDENTIFICATION OF NEW PEDAGOGICAL PRACTICES IN THE PERCEPTION OF NURSING PROFESSORS

ABSTRACT

The pedagogical practices should have a new role in higher education, which is still too related to recognition and production of knowledge applied to each area. We made this analysis aiming to identify new pedagogical practices in the perception of nursing school professors. It is a descriptive exploratory research and it is based on open interviews and focal groups with these professors. As a result, we could notice that some changes and innovations in the context of graduation are already happening and we collected testimonies from several professors that declared to be reconsidering their pedagogical strategies. The traditional pedagogical practice is being replaced by others considered to be more dynamic, like horizontal teaching and incentive to practical work on health. It makes the student more responsible by his education, because he is able to relate his personal experiences with the theories that explain them and improve his knowledge. These new experiences are not general, but they indicate some changes in the professional development of nurses and help them to better understand the Single Health System (SUS) principles on its several levels of attention.

Key words: Nursing Education. Teaching. Faculty.

IDENTIFICACIÓN DE NUEVAS PRÁCTICAS PEDAGÓGICAS EN LA PERCEPCIÓN DE LOS DOCENTES DE UN CURSO DE ENFERMERÍA

RESUMEN

Las prácticas pedagógicas necesitan ocupar un nuevo lugar en la enseñanza superior, que aún trata más a respecto de la valoración y producción de conocimientos aplicados a cada área. Hicimos este estudio con el objetivo de identificar nuevas prácticas pedagógicas en la percepción de los docentes de enfermería de un curso de enfermería de la Región Centro-Oeste. Se trata de una investigación exploratorio-descriptiva en que se utilizaron entrevistas abiertas y grupos focales con los docentes del curso estudiado. Como resultado, observamos que ya ocurren algunos cambios e innovaciones en el contexto de la formación en la facultad y tuvimos declaraciones de varios docentes que afirman que están repensando y renovando sus estrategias pedagógicas. Hay la sustitución de la práctica pedagógica tradicional por prácticas más dinámicas, enseñanza más horizontal y estímulo mayor al trabajo en el campo de prácticas básicas de salud. Eso ha llevado al alumno a ser más responsable por su aprendizaje, relacionando sus vivencias prácticas con las teorías que las explican, y así consiguen perfeccionar sus conocimientos. Esas experiencias innovadoras no son generales, pero indican cambios en la formación profesional del enfermero en la perspectiva de contribuir para una mejor comprensión de los principios del Sistema Único de Salud (SUS) en sus variados niveles de atención.

Palabras-clave: Educación en Enfermería. Enseñanza. Docentes.

REFERÊNCIAS

1. Perrenoud P. Dez novas competências para ensinar – Convite à viagem. Porto Alegre: Artes Médicas Sul; 2000.
2. Germano RM. Educação e Ideologia da Enfermagem no Brasil. 2ª ed. São Paulo: Cortez; 1985.
3. Saupe R. Ação e reflexão na formação do enfermeiro através dos tempos. In: Educação em enfermagem. Florianópolis: UFSC, p. 29-73; 1998.
4. Ministério da Educação. Resolução do Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. Parecer CNE/CES 1.133, de 7 de agosto de 2001. Nº 3 de 07/11/2001. Diretrizes Curriculares Nacionais dos Cursos de Graduação em Enfermagem. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne>
5. Melek THR; Rocha PRS. Enfermagem: tecendo fios históricos no contexto da sociedade global. Revista Eletrônica de Enfermagem do UNIEURO REEUNI. 2008 Brasília, jan; 1(1): 64-79 Disponível em: <http://www.unieuro.edu.br>.
6. Universidade Federal de Mato Grosso. Catálogo de Curso. [Acesso 2008 Jul 29]. Disponível em: <http://www.ufmt.br/>.
7. Moreira LC. As faces e interfaces do processo de trabalho de enfermagem em instituições hospitalares de Cuiabá. [Tese de Doutorado em Enfermagem] Cuiabá: Instituto de Saúde Coletiva, Universidade Federal de Mato Grosso; 1999.
8. Minayo MC; Sanches O. Quantitativo-Qualitativo: oposição ou complementaridade? Cad. Saúde Pública, Janeiro; 9(3):239-62.
9. Minayo MCS. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 9 ed. São Paulo: Hucitec; 2006.
10. Minayo MCS. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 11ª ed. São Paulo: Hucitec; 2008.
11. Silva Kênia Lara, Sena Roseni Rosângela de. A formação do enfermeiro: construindo a integralidade do cuidado. Rev. bras. Enferm [periódico on line] 2006 Ago; 59(4): 488-491. Disponível <http://www.scielo.br/scielo>
12. Fernandes Josicélia Dumêt, Rosa Darci de Oliveira Santa, Vieira Therezinha Teixeira, Sadigursky Dora. Dimensão ética do fazer cotidiano no processo de formação do enfermeiro. Rev. esc. enferm. USP. [periódico on line] 2008 Jun; 42(2):396-403. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo>.
13. Pettengill MAM, Nunes CB, Barbosa MAM. Professor e aluno compartilhando da experiência de ensino-aprendizagem: a disciplina de enfermagem pediátrica da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Rev Latino-am Enfermagem [periódico on line] 2003 Julho; 11(4): 453-60. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo>.
14. Chabot D, Chabot M. Pedagogia Emocional: Sentir para aprender. São Paulo: Sá Editora; 2005.
15. Perrenoud P. A prática reflexiva no ofício de professor: profissionalização e razão pedagógica. Porto Alegre: Artmed; 2002.
16. Vázquez AS. Filosofia da Práxis. Buenos Aires: CLACSO. São Paulo: Expressão Popular; 2007.
17. Backes A, Silva R, Rodrigues RM. Reformas curriculares no ensino de graduação em enfermagem: processos, tendências e desafios. Ciênc Cuid Saúde [periódico on line] 2007; 6(2):223-30.

Endereço para correspondência: Wilza Rocha Pereira. Rua Oriente Tenuta, 877/901, CEP: 78048-450, Cuiabá, Mato Grosso. E-mail: wilzarp@terra.com.br

Data de recebimento: 18/09/2009

Data da aprovação: 22/01/2010